

A CARA DA CREDIBILIDADE

O âncora do SBT, um dos mais respeitados pelo público, fala sobre o momento de transição do jornalismo brasileiro

POR ANTÔNIO CARLOS SANTOMAURO

A imagem carismática e a fluência verbal materializada na voz firme de Carlos Nascimento sinalizam sua profunda intimidade com as câmeras, fruto da experiência de quatro décadas na linha de frente do jornalismo brasileiro. Verdade que essa experiência começou cedo — no final dos anos 60 — quando ele ainda era adolescente e trabalhava na rádio de Dois Córregos, interior de São Paulo, onde nasceu.

Desde então, Nascimento vem marcando presença destacada no jornalismo das principais emissoras de TV do país. Atualmente, é editor-chefe do *SBTBrasil*; apresenta o telejornal com Karyn Bravo, além da edição da madrugada da mesma emissora.

Quando fala dos projetos futuros, mostra quão aberto a novas experiências, e interessado no desenvolvimento de sua atividade, ele é. "Penso em fazer um programa que mescle jornalismo e humor, tipo CQC ou Pânico na TV", conta.

Qual sua visão sobre o jornalismo brasileiro na atualidade?

O jornalismo está diante de um impasse: saber como será nosso futuro. Sinto que todos os jornais, hoje, medem muito seus investimentos, sua abrangência, suas contratações. Está todo mundo guardando munição, esperando para ver o que vai dar. Isso inibe um pouco o investimento em pessoas, repórteres, correspondentes... Sinto muita falta disso, de uma apuração própria de cada veículo. Até pela existência da internet, o que se nota atualmente são notícias algo "sem pais": elas circulam e, de repente, estão em todos os lugares. Pela internet, temos os jornais mais importantes do mundo em tempo real. A presença da mídia estrangeira também muda a abrangência que nossos jornais tinham sobre o mundo,



Somos outro país, outra cabeça, os meios de informação são muito mais numerosos. E o brasileiro saiu de casa, foi para o mundo, abriu seu leque de percepção das coisas, das notícias, de tudo



e a forma como eles nos informavam. Então, é um momento de transição, de mudança, para jornais e revistas.

E o telejornalismo em particular?

No telejornalismo, acho que ainda estamos a reboque do país. O Brasil mudou muito a partir dos anos 90, com a abertura econômica e política. Somos outro país, outro povo, outra cabeça, os meios de informação são muito mais numerosos. E o brasileiro saiu de casa, foi para o mundo, abriu seu leque de percepção das coisas, das notícias, de tudo.

O telejornalismo fez o caminho inverso, pois, no final dos anos 80 e início dos 90, começou a dedicar muito mais espaço a programas policiais, programas sensacionalistas, que, em minha opinião, são pseudojornalísticos, porque jornalismo é outra coisa. Em jornalismo é preciso apurar a informação, transmiti-la com credibilidade, dar sua chancela de informação verdadeira, e sobretudo importante para o telespectador.

A TV está longe disso?

Acho que faz menos do que deveria. No SBT temos três telejornais diários, equipe que trabalha, apuração, reportagem... Mas, não só aqui, no telejornalismo como um todo, deveríamos ir mais fundo, fazer mais isso. E muitas emissoras — esse não é nosso caso —, passaram a achar que basta o show, o espetáculo, explorar o sensacionalismo.

Falta mais apuração da notícia?

Acho que a TV precisa ligar-se mais no Brasil moderno. Hoje, as idéias do brasileiro são outras; as concepções são diferentes, as perspectivas de vida, os horizontes. Tudo mudou muito e, às vezes, vemos nós, jornalistas, fazendo coisas que fazíamos nos anos 80 ou 90: pautas que já não têm mais nenhuma importância. E o que é o jornalismo, em

sua essência? É saber captar o que o público quer ler, ver, ouvir, e transmitir-lhe as informações que lhe interessam de maneira ordenada e inteligente.

Casos como o da Escola Base, decorrente da investigação mal feita, ainda acontecem no Brasil?

Essa história da Escola Base foi grave, ficou como exemplo de responsabilidade da mídia. Mas, quantas 'escolas bases' tivemos? Estou no jornalismo há quase 40 anos, e só me lembro desse caso. Quantos acertos houve nesse período? Quantas coisas no Brasil foram resolvidas porque a mídia deu? A proporção é totalmente favorável a nós.

Como editor-chefe, o que você procura imprimir no telejornal de maior visibilidade do SBT?

Continuo fiel à máxima de Ed Murrow [importante jornalista norte-americano dos anos 50 e 60]: "Devemos noticiar o que é importante, não o que é interessante". Acho que minha função como editor-chefe e líder de uma equipe de jornalistas é transmitir para o público notícias que tenham relevância, importância; não bobagens, fofquinhas... Hoje em dia, até é preciso dar esse tipo de coisa, mas em determinada dimensão, porque as pessoas veem na internet, querem aquilo. Então, damos uma historiaria engraçada, mostramos um bichinho. Mas isso não pode ser o principal, sobretudo em um país como o nosso, em formação. Aqui, o principal é transmitir informações que ajudem os brasileiros a entender a realidade, a vencer na vida e a tirar proveito das riquezas que temos no sentido de aproveitar oportunidades — saber o que está acontecendo, onde procurar emprego, que curso fazer, as regiões com maiores oportunidades de negócios.

Percebo, entretanto, que o público é muito menos exigente do que já foi, sinto que a média da audiência da TV aberta está mais preocupada com coisas sem muita importância. Nos últimos anos, o brasileiro pôs na cabeça que o importante é a economia: começamos a construir um país em que o importante é ter emprego, ganhar bem, morar bem, ter um carro, fazer o filho estudar em

uma boa escola. Isso tudo realmente é importante, mas não pode ser mais importante que os valores que compõem uma sociedade: a honestidade, o respeito, a dignidade, a forma de tratar os semelhantes, o respeito à lei, não tolerar a corrupção.

Quais as diferenças de gestão da informação entre as emissoras?

Cada emissora tem uma característica. O SBT, dentro de nossas possibilidades, tem características boas. Primeiramente, é uma empresa em que o dono não interfere na questão de política editorial. Aqui temos liberdade editorial muito ampla, bons recursos em equipamentos e instalações. Na verdade, em nenhuma emissora houve alguém tentando tolher meu trabalho, mesmo porque se houvesse eu não ficaria ali. Nunca disse, em TV, nada que não quisesse dizer, e nunca deixei de dizer aquilo que queria. Arrumei brigas com colegas por causa disso, por dizer que não faria determinadas matérias, não daria o enfoque que queriam dar. Mas só há um jeito de fazer isso, e não é dizer "não quero": é mostrar, jornalisticamente, se o fato existe ou não.

Na TV Cultura, a emissora confundia-se com o governo. E durante um ano em que fiz o *Jornal da Cultura* nossa missão foi deixar bem claro que aquela era uma TV pública, e não do estado. O Quéricia era governador, e tivemos problemas. Até fui perguntar para ele por que estava tão aborrecido; ele disse que não era ele, e sim os assessores... Mas ficamos um ano lá deixando bem claro que a emissora era pública, e estava lá para dar notícias com isenção. O Roberto Mulyaert, que era o presidente da Fundação Padre Anchieta, chamou-me várias vezes na casa dele; dizia que o governo não queria repassar a diferença relativa à inflação — naquela época, tínhamos uma inflação altíssima —, por causa do jornal. Eu dizia: "Mulyaert, você quer que mudemos? Quando eu vim, você disse que era para ser desse jeito". Ele respondia: "Não quero que mude, quero apenas que você saiba desse problema".

Na Record, [Nascimento trabalhou quando a emissora era controlada pela família Machado de Carvalho, e não por Edir Macedo] lembro-me que, um dia, o

Percebo, entretanto, que o público é muito menos exigente do que já foi, sinto que a média da audiência da TV aberta está mais preocupada com coisas sem muita importância

Paulito Machado de Carvalho fez uma reunião para dizer que o ministro da Justiça, então o Saulo Ramos, pediu que déssemos menos notícias sobre drogas, pois aquilo incentivava o consumo e o tráfico. Lembrou-me de ter dito ao Paulito: "Você quer ficar com o ministro da justiça ou com os seus jornalistas? O que estamos dizendo lá é o que acontece; o que ele não quer ver divulgado é aquilo que não interessa ao governo que seja dado. Faça sua escolha". Ele disse: "Fico com vocês".

Também trabalhei na Bandeirantes, uma emissora que leva muito a sério a informação e sempre deu todo o apoio. Na Globo, que todo mundo fala que era ligada à ditadura, nunca tive problemas. Eu diria que, de tudo o que fiz lá em dez anos, se não entrou no ar 1%, foi muito. Em compensação, a gente deu coisas importantíssimas. Na época da abertura, por exemplo, quando os refugiados políticos começaram a voltar e a ser notícia, ainda timidamente, a Rede Globo nunca deixou de cobrir. Podia não ir ao ar no *Jornal Nacional*, mas ia no *Bom Dia São Paulo*, na parte local do *Jornal Hoje*, no *Jornal da Globo*.

Você já falou sobre a relação entre a mídia impressa e os meios digitais. E TV, deverá ter alguma relação com esses meios?

Para mim, e para todo mundo, isso é um mistério. Mas tenho certeza de uma coisa: as emissoras de TV, os jornais, as emissoras de rádio que trabalharem direito, e produzirem conteúdo, sempre serão alimentadoras e não alimentadas. A internet, como a conhecemos hoje, é alimentada, não vive sozinha. Quem quiser procurar informação séria na internet, precisará ir ao site de um grande jornal, pois de lá continua saindo a notícia. Se cair um avião agora, será necessário recorrer a um grande jornal para saber mais informações, pois eles mandarão três, quatro, cinco repórteres e fotógrafos, serão as emissoras de TV que irão lá filmar, investigar... A dúvida é a forma como isso será apresentado e aproveitado. A tela da TV irá para a internet? Dizem que sim, mas acho que não. Com a TV digital veio a alta definição, e a TV tornou-se uma atração à parte, quase um cinema.

E não há motivos para ver internet em um plasma de alta definição, pois nesse plasma você vai querer ver uma imagem bonita, um programa de reportagens.

Também não acredito na história de jornalista multimídia, o segredo de nosso negócio é ser um bom repórter de TV, ou de rádio, ou de jornal, ou de internet. Não acredito nessa história de fazer a mesma matéria para o rádio, a TV, o jornal... Fazer uma entrevista para TV é muito diferente de fazer uma entrevista para jornal, ou internet, ou o que quer que seja. A entrevista na televisão faz parte do espetáculo, do show: precisa ter ritmo, imagem, cadência, postura, voz. São veículos diferentes, embora um interfira e influencia o outro — disso não tenho dúvida.

Mas o jornalismo de internet satisfaz, ou é ainda incipiente?

Como um grande jornal como o *Estado*, por exemplo, consegue por na internet uma matéria com credibilidade, isenção, apuração de notícia, diversidade de fontes? Porque ele montou uma estrutura gigantesca para chegar nesse ponto; o repórter que fará a matéria é a ponta de todo um trabalho dentro da redação. Os sites de internet não têm essa estrutura. Recentemente, o Gay Talese lembrou que a estrutura da mídia é secular, feita para apurar a informação. Não se pode pretender que um veículo que começou agora, tem só a rapidez, sem ter essa estrutura, consiga competir com os outros. Pode competir na instantaneidade, mas isso dura pouco.

O que você acha do fim da obrigatoriedade do diploma para a profissão de jornalista?

Acho uma bobagem o que foi feito, por todos. Primeiramente, por nós, jornalistas: sabíamos que isso aconteceria, e não houve uma reação à altura, nenhum trabalho sério para tentar impedir que isso acontecesse. Não fizemos jus ao tamanho e à importância de nossa profissão. Como fonte de conhecimento, de sabedoria, de licença para o exercício da profissão, não acho que o caminho seja o diploma. Mas, no Brasil, ele veio acompanhado pela regulamentação da profissão, e é essa parte que considero grave termos perdido. Em

1985, escrevi um artigo a favor do diploma. Para escrevê-lo, fui consultar jornalistas que tinham vivido as duas épocas: José Hamilton Ribeiro, Narciso Kalili, Eurico Andrade, pelo menos uns cinco ou seis medalhões. De todos, ouvi a mesma coisa: "Não tenha dúvida que mudou para melhor, e muito. Passamos a ter um salário, uma profissão, podemos chegar a nossa casa, nossa família, nossos amigos, e dizer: sou jornalista, minha profissão não é nem menos nem mais que a do médico, do engenheiro, de qualquer um outro".

A maior vítima dessa situação serão os próprios jornais. Vários publicaram editoriais aplaudindo a decisão, mas eles continuarão dependendo dessas pessoas que querem ser jornalistas de profissão. Essa é a essência de nossa profissão: o compromisso. E esse negócio de dizer que é um atentado à liberdade de expressão, foi um absurdo do STF. Liberdade de expressão não tem nada a ver com regulamentação profissional.

Você passou pelas principais emissoras do país. Qual seria o próximo passo?

A única coisa que não fiz bastante em minha carreira no tempo em que deveria ter feito é ser correspondente internacional. Morei na Espanha uns oito ou nove meses como correspondente da Globo e viajei muito. Seria natural que agora quisesse ser correspondente. Mas hoje o grande país do mundo é o Brasil; então, quero ficar aqui, sinto que chegou a nossa hora. Durante dez anos, viajei muito, praticamente todo dia. Eu não estava em casa, estava fazendo reportagens, nos nascimentos de três de meus cinco filhos. Não quero mais viajar. Hoje, às vezes penso em fazer um programa que misture jornalismo com entretenimento, mas declaradamente. Estou muito ligado nesses programas: o *CQC*, o *Pânico na TV*, em alguns momentos, o próprio *Casseta & Planeta*.

Dentro do *SBT Brasil* fazemos o quadro da previsão do tempo, no qual colocamos as matérias mais engraçadas, coisas que permitam um diálogo entre a Karyn e eu, que brinquemos com elas. É nosso pico de audiência, e todo mundo na rua me fala exatamente dessas coisas.